vinetur

Viveiristas italianos defendem financiamento da replantação de vinhas em vez do seu arranque

Defendem que a reconversão com material vegetal certificado prepararia melhor os viticultores para a quebra da procura, a seca, o calor e a pressão das doenças

sexta-feira, 13 de novembro de 2026



O setor viveirista vitícola italiano está a instar os decisores políticos a investir fundos públicos na reconstituição das vinhas, em vez de pagar aos viticultores para as arrancarem. Argumenta que a produção de vinho italiana deve adaptar-se à quebra da procura e às pressões climáticas através da replantação, de novo material vegetal e de

uma inovação mais rápida.

A proposta foi apresentada na quinta-feira, 12 de novembro, num relatório publicado pela Unione Italiana Vini. Segundo a organização, duas associações de viveiristas, a Miva e a Associazione Vivaisti Viticoli Friuli Venezia Giulia, querem que os recursos disponíveis sejam canalizados para a reestruturação e reconversão das vinhas, em vez de para incentivos ao arranque.

As associações defendem que as dificuldades que afetam o vinho italiano não podem ser resolvidas apenas através da redução da área plantada. Na sua perspetiva, as vinhas precisam de ser reconfiguradas para responder melhor às mudanças na procura dos consumidores, ao aumento dos riscos meteorológicos e às alterações climáticas a longo prazo. Isso implicaria investir em castas, clones e porta-enxertos considerados mais adequados às condições futuras de cultivo, atribuindo também maior importância às videiras certificadas, à rastreabilidade, às garantias fitossanitárias e à investigação realizada antes da plantação de uma vinha.

O debate surge num momento delicado para o setor vitivinícola italiano, que tem enfrentado uma quebra do consumo em alguns mercados, alterações nas condições de exportação e custos crescentes de adaptação das vinhas à seca, ao calor e à pressão das doenças. A escolha política entre subsidiar o arranque e subsidiar a reconversão poderá influenciar não só a oferta futura de uvas, mas também a procura de material de viveiro, o ritmo de renovação das castas e a capacidade dos viticultores para responder às mudanças nas necessidades do mercado. Para o setor das bebidas em geral, isso poderá acabar por afetar o volume e a composição dos vinhos colocados no mercado, bem como as decisões de investimento ao longo da cadeia de abastecimento.

A Unione Italiana Vini afirmou que as duas associações representam, em conjunto, quase todo o setor viveirista vitícola italiano. Em declarações citadas no relatório, o presidente da Miva, Dino Scanavino, e Yuri Zambon, diretor da VCR na associação de viveiristas do Friuli Venezia Giulia, disseram que o país deve ir além da simples substituição de vinhas antigas por outras semelhantes e orientar o investimento para novas opções de plantação, capazes de melhorar a resiliência e a qualidade nas

próximas décadas.

O argumento assenta na ideia de que a produção de viveiro não é apenas uma atividade de apoio, mas uma componente estratégica da adaptação do setor vitivinícola. Ao defenderem material de videira certificado e controlos fitossanitários mais rigorosos, as associações estão, na prática, a associar o apoio público à qualidade e ao estado sanitário das novas vinhas. Apresentam também a inovação nos viveiros como parte de uma resposta mais ampla às alterações climáticas, uma vez que os porta-enxertos e as castas podem influenciar o consumo de água, a resistência às doenças, os padrões de maturação e a regularidade das colheitas.

O mesmo relatório destacou também uma proposta distinta, mas relacionada, do viveirista Marco Vacchetti para simplificar a classificação das castas de uva para vinho em Itália. O sistema atual pode atrasar a introdução de material vegetal novo ou anteriormente excluído, porque as regras de cultivo e as regras das denominações estão estreitamente ligadas. A proposta de Vacchetti separaria estas duas questões.

Segundo a abordagem descrita pela Unione Italiana Vini, uma casta poderia ser cultivada se constasse do registo nacional, enquanto a decisão sobre a sua utilização em vinhos DOC, DOCG ou IGT continuaria a caber às autoridades territoriais que regulamentam as denominações. Na prática, isso permitiria plantar e estudar uma casta com maior facilidade, sem que esta passasse automaticamente a poder ser utilizada em denominações protegidas.

Os defensores da mudança afirmam que esta permitiria testar mais rapidamente no terreno castas resistentes e castas locais atualmente excluídas do cultivo. Evitaria também repetir ensaios já reconhecidos noutros locais e ajudaria a gerar mais dados agronómicos e enológicos em condições reais de vinha. Segundo o relatório, a ideia não é enfraquecer as regras das denominações, mas facilitar a experimentação, mantendo o controlo local sobre os padrões das denominações.

Esta distinção é importante em Itália, onde o setor vitivinícola assenta tanto numa identidade geográfica rigorosa como num vasto património de castas locais. Qualquer tentativa de atualizar o sistema varietal toca numa tensão antiga entre preservar as regras tradicionais e permitir que os produtores reajam mais rapidamente a novos

riscos de doenças, a novas condições climáticas e a diferentes preferências dos consumidores. Um quadro de cultivo mais flexível poderia ajudar os viticultores a testar alternativas sem alterar de imediato a composição dos vinhos protegidos.

As propostas das associações de viveiristas apontam para uma estratégia mais ampla de gestão da atual crise do setor vitivinícola. Em vez de começar por reduzir a área de vinha e só depois abordar a competitividade, defendem uma política pública que encare a replantação como uma modernização industrial e ambiental. Na sua perspetiva, o investimento na reconversão poderia melhorar simultaneamente o desempenho das vinhas e o posicionamento dos produtos, enquanto o arranque reduziria a capacidade sem necessariamente resolver o problema de fundo: como e o que produzir.

A possibilidade de esta perspetiva conquistar apoio dependerá da forma como os decisores políticos italianos e europeus decidirem equilibrar o controlo da oferta com os apoios ao investimento. Mas a intervenção da Miva e da associação de viveiristas do Friuli Venezia Giulia deixa claro que uma parte do setor quer que a resposta à atual crise do vinho se centre menos na redução dos hectares e mais na reconfiguração das vinhas que permanecem.